

Concretizando sonhos

“Sempre podemos mais do que imaginamos!”

Madre Agathe Verhelle

Ricardo Japiassu

Numa coleção de cartas intituladas ***Quem escuta a Palavra produz frutos. Escritos espirituais de Madre Agathe Verhelle***, encontra-se o pensamento profundo, embora suave e delicado, desta religiosa cujo pensamento e opção de vida estão, há quase dois séculos, à frente do tempo. Não é à toa que curvou o papa Leão XIII, quando da aprovação das Constituições da Congregação das Damas da Instrução Cristã - carisma voltado inteiramente à instrução da juventude – e ao Rei Guilherme I, da Holanda (governou sobre a Bélgica) ante o funcionamento da primeira escola do Instituto. O pulso firme, porém, permitiu a expansão de pensionatos, internatos e semi-internatos nos Países Baixos de língua francesa, depois Inglaterra; no Brasil, colégios e faculdade por fim, África, com missões cristianizadoras. Tudo obra de mulheres desbravadoras, que se espelham numa espiritualidade legada por Madre Agathe Verhelle.

Por exemplo, obedecendo a temática da simplicidade, sob o título Ave Maria, datada de 27 de fevereiro de 1825, sem destinatário nem localidade, a fundadora da Congregação das Damas da Instrução Cristã fala no desejo de se humilhar e renunciar ao mundo, a si mesma, adquirindo, assim, um grande grau de paciência – comentário um tanto engraçado - inclusive com os serviços dos Correios. Por fim, aconselha a outra irmã: imite Jesus Cristo, já que deseja tê-lo como esposo, tomá-lo como modelo. Mais adiante, noutra missiva, datada de 18 de junho de 1828, ela fala em caridade cordial e que o ato de sonhar, em excesso, às vezes, faz mal à saúde.

Tanto assim, lembra a outra religiosa, aqueles que abraçam tal tipo de vida devem renunciar inteiramente a tudo que lembre o espírito do mundo e viver na mais completa humildade, a qual impele, por sua vez, à perfeição. Bom notar, nos atos

falhos, que muitas vezes, concluía as cartas com a seguinte delicada saudação: “sua amiga ‘invariável.’” Avaliando um pouco mais, percebe-se o quanto o mundo desta freira era composto de delicadezas. Por exemplo, no dia em que a Igreja festejava São Nicolau, costumava Madre Agathe, distribuir o biscoitinho do mesmo nome, ou pães de amêndoas. Pelo menos é o que nos revelam duas cartinhas. “Amava bastante a Igreja. Por isso, festejava os seus santos,” explica Irmã Alcilene Fernandes, diretora do Colégio Damas da Instrução Cristã, do Recife.

Na festa de Todos os Santos de 1883, lembra a outra mulher, que presumo religiosa, a quem trata por Mimie, que devem ser totalmente de e por Deus e que “fora dele, tudo é nada.” Portanto, unir-se a Ele, no infinito, pela verdade, deste ser de bondade, este que “fala ao coração que conduz à solidão.” Mais adiante, numa carta datada apenas de 1836, aconselhando outra amiga, ou discípula, diz que quando a água encontra-se calma, pode-se ver bem o que está no fundo e que, quando a calma desaparece, não se enxerga mais nada. Neste caso, vale um comentário: é tirar proveito da espiritualidade agatiana e crescer na luz que advém dela. Também noutros documentos, desta forma, manuscritos, Madre Agathe, na qualidade de “Sua Mãe” acrescenta: “Viva Jejus!” E é tratando da generosidade do Eterno Pai que fala no *Fiat*, ou seja, a verdadeira doçura experimentada pelo homem, caminhando contra as trevas. Por fim, “é preciso passar por tantos trabalhos e a eles se aplicar de todo coração,” explica. Tal todo ser humano, esgotado ante a fadiga do dia-a-dia, conclui: “Estou com tanto sono!...”

Neste mesmo tom demasiadamente humano e carinhoso, na festa de todos os Bons Amigos de 1838, vendo que provocara inquietação às outras Irmãs, em decorrência de um forte resfriado, procura tranquilizá-las, de forma verdadeira e lacônica: “Estou falando um pouco melhor do que na terça-feira. [...] Fiquemos todas descansadas.” Congregação que tem como padroeiros os Santos Estanislau e Águida e patrono Santo Inácio de Loyola, de quem utilizavam os Exercícios Espirituais nos retiros anuais que duravam oito dias, também se baseou na constituição dos Jesuítas para redigir suas regras, adaptadas às mulheres.

Tom muito carinhoso nas cartas, o que se percebe pelo uso dos superlativos em cartinhas, tais como cartinha “caríssima filha”. O que aparece sempre na qualidade de “queridas filhas,” incitando ao desejo de perfeição, aquele calcado no Divino,

através do fervor, praticando a virtude, o que consegue ver muito francamente nas discípulas. Numa carta de 13 de janeiro de 1825 ela aconselha: “A minha filha deve ser destemida e generosa. Quando se pretende ser admitida na Congregação, trata-se de saber oferecer de todo coração, a Deus, os sacrifícios que se apresentam.”

Na espiritualidade agatiana, também há lugar à graça, às bênçãos do céu, aos milagres que se sucediam, à vida que se multiplicava. Desta forma, Madre Agathe enxergava no Sagrado Coração de Jesus, as seguintes principais virtudes: doçura, humildade, obediência e caridade, enquanto invocava três meios sobrenaturais para fazer o Instituto crescer: humildade, fuga das honrarias e simplicidade (que é a virtude, apontada por ela, dulcíssima). Debruçando-se sobre seus manuscritos, há um curioso detalhe: uma única carta escrita em flamengo, enquanto as outras todas em língua francesa. Também em epístola, encontra-se lavrada a utilidade do retiro de 1836 e sua importância: deplorar o passado, aperfeiçoar o presente e assegurar o futuro. No entanto, vale salientar, que tal pensamento permanece vivo ainda hoje, no espírito da Congregação, sobretudo, este olhar ante o porvir. “É preciso olhar futuro.” Ressalta a provincial Nordeste, Irmã Maria do Carmo.

Estilo elegante em escrever: “Estou inundada da mais doce alegria e viva gratidão.” Utiliza os verbos, entre outros, cumular e grassar, tal se acodisse da literatura na escrita, a mesma onde mantém o aconselhamento: guiadas pelo espírito de sabedoria e inteligência, conselho e fortaleza e, por fim, ciência e piedade, assim, então, conduzidas nos passos das veredas da justiça e santidade. Noutra carta, em tom bastante reflexivo, datada de 11 de janeiro de 1831, diz: “O homem, neste mundo, só é feliz quando sua consciência está tranquila, e certamente, não está em paz, a consciência daquele que resiste às pessoas que ocupam o lugar de Deus, que desedificam a quem devem dar bom exemplo e que alimentam, em si mesmas, sentimentos vãos e presunções.”

Lembra, ainda, na correspondência, já àquela época, ênfase, a brevidade da sucessão de “dias, semanas, meses e anos!...” A 17 de outubro de 1837, o mesmo tom de delicadeza se repete: “Quando eu vi, esta manhã, o sol dardejar seus raios através das nuvens, disse comigo mesma: Eis um verdadeiro dia próprio para feriado!” Forte, entretanto suave e bela, Madre Agathe inspirou seguinte canção:

Quem era ela?

Sempre desejamos um rosto encontrar

E sempre buscando andamos a perguntar:

Quem era ela? Que jeito era o seu? Como seria o seu sorriso? Que cor tinha o seu olhar?

Seria uma flor singela a enfeitar o altar?

Seria como o sol às almas iluminar?

Enquanto um retrato buscamos a resposta não veio.

Mas um dia Madre Celina seu coração encontrou.

Madre Agathe era alguém que a Deus tudo deixou.

Sacrificou-nos e consagrou-nos à juventude

Seu testamento ficou.

Hoje não há mais dúvidas nossa busca terminou.

Uma estrada muito clara como luz já despontou.

Madre Agathe era alguém que por Deus tudo deixou.

Sacrificou-nos e consagrou-nos à juventude

Seu testamento ficou.

Fundação da Congregação das Damas da Instrução Cristã

Em 1808, o Bispo de Gand, na Bélgica, o Príncipe Maurice de Broglie, mais tarde Confessor da Fé, convidou uma comunidade do Sacre-Coeur de Jesus, da França, a se estabelecer em Dooresele, na Bélgica. Sob a direção da madre belga de origem espanhola, Antonieta Peñaranda. Contando 21 anos, partiram de Amiens à abadia de Dooresele. Nesta época, porém, as religiosas denominavam-se Damas da Instrução Cristã e não Sacre-Coeur de Jesus. Alguns anos depois, mais precisamente em 1814, com o domínio de Napoleão sobre a Bélgica, portanto, da França sobre a Bélgica, a Igreja era acusada de separatismo e galicismo, o que provocava temor, inclusive, entre

os católicos. Daí que as autoridades diocesanas, prevenidas contra um Instituto de origem francês passaram para sua jurisdição o colégio das Damas de Dooresele, ficando na Bélgica apenas as belgas, que desde a fundação tinham ingressado no instituto.

As relações com a França não foram mais admitidas. Madre Peñaranda, portanto, permaneceu, porque era belga. Em 1809 Agnes Verhelle sentiu o que se estabeleceu denominar chamado de Deus para esta congregação, o que aconteceu definitivamente a 18 de julho de 1815, em Dooresele. Exatamente um mês depois foi admitida à vestição, quando recebe o nome da Agathe. A 16 de outubro de 1816, Madre Agathe pronunciou seus votos de pobreza, obediência e castidade e de consagração à educação da juventude.

Quatro anos depois, em 1822, estando a Bélgica sob o domínio holandês de Guilherme I, exigiram-se a apresentação das regras e constituições dos institutos religiosos para serem examinadas por comissão governamental. Na ocasião, Madre Peñaranda, encontrando incompatibilidades entre suas obrigações religiosas e as recentes leis do Estado, no que tange ao ensino, recusa submeter as regras do instituto à aprovação do poder civil. Por não chegar a um consenso, a 17 de julho de 1822, o prefeito de Gand manda executar o Decreto de Dissolução das Damas da Instrução Cristã, quando, no prazo de 15 dias, as religiosas e as alunas deveriam deixar o convento. Madre Peñaranda partiu para a França. Apesar das adversidades, Madre Agathe permaneceu no país, empenhando-se nos trabalhos de requerimentos junto ao bispado e ao governo, tanto que sua saúde foi seriamente abalada. Por fim, em fevereiro de 1823, o rei Guilherme I, consentiu revogar o decreto de supressão e, a 25 de março de 1823, as religiosas belgas dispersas, acodiram ao seu sinal e recomeçaram a vida religiosa na abadia de Dooresele. A 9 de abril, por unanimidade, é eleita superiora por três anos. Em 19 de abril de 1826, aclamada superiora geral vitalícia.

O Instituto das Damas da Instrução Cristã tornou-se congregação, de fato, a partir de 6 de agosto de 1826, quando as autoridades episcopais autorizaram a sua regra ou constituições. O Governo holandês, por sua parte, exigiu que as religiosas prestassem exame que pudesse aquilatar o grau de cultura. O júri deslocou-se a

Dooresele, quando Madre Agathe foi a primeira argüida, recebendo, de uma só vez, tanto para si, quanto para todas as irmãs, a máxima menção.

Faltava, às Damas, agora, apenas a aprovação de Sua Santidade o Papa Leão XIII, a quem escrevem: “Estabelecidas pelo zelo do Monsenhor de Broglie, último bispo de Gand, na sua cidade episcopal, com o nome de Damas da Instrução Cristã, desfrutamos constantemente da proteção do clero diocesano, como também partilhamos seus sucessos e seus infortúnios.”¹ Na mesma ocasião, ressaltam o desejo de se sacrificarem e consagrarem inteiramente à juventude. A 10 de agosto de 1827, com o selo pontífice, Sua Santidade Leão XIII, aprovava, finalmente, a congregação.

Quem foi Madre Agathe Verhelle?

Inês Margarida Verhelle nasceu em Bruges, na Bélgica, a 27 de fevereiro de 1786 e batizou-se no dia seguinte, na igreja de São Donato. Filha de Francisco Verhelle e Carlota Maria Van den Bussche, viviam numa propriedade chamada De Horn. Todos os registros apontam que a criança cresceu no seio de uma família imensamente católica e, muitas vezes, foi entregue aos cuidados de uma tia bastante piedosa. Certo dia, ao rezar o Ato de Caridade, deteve-se: “Não posso mentir, não sei se amo mais ao bom Deus que a todos as coisas! Amo tanto ao papai e a mamãe!”² Muito jovem, sentiu o apelo de Deus. Antes de conhecer as Damas da Instrução Cristã, em Gand - o que aconteceu em 1809 - teve contato com as Damas Inglesas, em Bruges, e as Trapistinas de Laval (França). Aos 29 anos, deixou secretamente a família e ingressou no convento. Isto aconteceu a 18 de julho de 1815.

Informada das intenções de suas antigas coirmãs, que permaneceram em Flandres após a dispersão do instituto, a Madre Agathe, estas aderiram com presteza e, a 26 de fevereiro de 1823, assinaram procuração que a autorizava a agir em nome de todas, para reentrar na abadia de Dooresele. A jovem religiosa entregou-se à luta com coragem viril. Anos depois, a congregação, já espalhada pelo território belga, fez

¹ MESQUITA, Madre Tarcísia Pitanga de. As Damas Cristãs no Brasil. Recife: Damas da Instrução Cristã, 1996. P. 145.

² LANTSCHOOT, Madre Paula Van. Madre Agathe Verhelle. Uma semente que germinou. Fortaleza: Congregação das Damas da Instrução Cristã, s/d. P. 9.

sua última viagem à comunidade de Renaix, onde foi acometida da fadiga e da febre tenaz. Lá, tomou consciência da gravidade do seu estado.

Voltou à Casa-Mãe, pois desejou confessar-se e preparar-se para a morte. Teve tempo de por em ordem a correspondência. A 29 de novembro de 1838 veio a apoplexia. À tarde, foi reconfortada pela Unção dos Enfermos e o Viático. A paralisia se agravou e a 1º de dezembro faleceu.

Congregação das Damas Cristãs no Brasil

Em 1996, completaram-se os 100 anos da chegada das Damas da Instrução Cristã no Brasil. Congregação radicada apenas na Bélgica e na Inglaterra, àquela época, foi solicitada pelo Papa Leão XIII a vinda de missão educadora à América Meridional. “Vimos declarar a Vossa Santidade que estamos prontas, apesar de nossa fraqueza e indignidade, para ir, com a ajuda de Deus, trabalhar no Novo Mundo, como verdadeiras religiosas da instrução cristã, para maior glória de Deus e salvação das almas.”³ As seis freiras recebem a cruz, o Evangelho e as constituições do instituto das Damas da Instrução Cristã. Tinham em mente o lema trabalhar para santificar-se. Partiram, então, de cidade de Dooresele, na Bélgica, para a Inglaterra, onde estiveram em Londres, por mais ou menos dois dias. Um funcionário, Louis, acompanhava a caravana formada pelas sete mulheres, sendo seis freiras e uma leiga. Fundariam, em Olinda, mais precisamente no Convento de São Francisco, um colégio sob a invocação da Sagrada Família, cuja superiora era Madre Loyola Steyaert.

Atravessaram o Oceano, no navio Nilo, que tinha 130 metros de comprimento, 20 metros de largura, 15 metros de altura e seis andares. O jornal belga L’Escout publicou, a 1º de outubro de 1896, notícia informando sobre a partida das Damas missionárias. Zarparam primeiro do porto de Warwich, na Bélgica. Aportaram em Southampton na Inglaterra, de onde vieram tomar a rota do Oceano Atlântico, via Lisboa. Aqui, começam as curiosidades: instalaram uma vaca com bezerrinho acima da cabine, o que fazia muito barulho, dados os mugidos tristes. Em Portugal, o Nilo contava 600 passageiros. Conheceram, em mar, a embarcação.

³ MESQUITA, Madre Tarcísia Pitanga de. As Damas Cristãs no Brasil (1896-1996). Recife: Congregação das Damas da Instrução Cristã, 1996. P. 33.

No transcurso da viagem, mais precisamente nas ilhas do Cabo Verde, em São Vicente, Madre Loyola comprou terço de mariscos para enviar a Dooresele. Eram vendidos por negros trajando vestes paupérrimas - verdadeiros trapos - ou adolescentes, quase crianças ainda. No meio de tantas novidades e informações a um grupo de mulheres que jamais havia abandonado seu país, ainda, na própria viagem, as freiras procuravam estudar a língua portuguesa e seu vocabulário, bem como entregar-se a outras aventuras.

Nos diários de viagem, registra-se que a 13 de outubro, às 15h, atravessam a Linha do Equador. Entraram no Hemisfério Sul e, à noite, viram as constelações Cruzeiro do Sul e Órion, bem como o Sírius. Tendo em mente a espiritualidade agatiana, entregavam-se por completo ao abandono divino à santa providência. Era o início da missão no Novo Mundo. Atracaram, por fim, na capital pernambucana. À direita as colinas de Olinda, vista do porto do Recife, só acessível a pequenos navios, pois baía cheia de recifes. Dois barcos foram postos à disposição das religiosas. O primeiro, com seis remadores, comportou as bagagens. No segundo, os viajantes se instalaram.

Um breve olhar das Damas e o primeiro desapontamento: tal recuado meio século na querida Bélgica, tanta era a sujeira do Centro do Recife. No Convento de São Francisco, foram recebidas pelos monges beneditinos – (ressaltando-se Dom Gerard van Caloen) que seriam os mentores espirituais e foram intermediadores das negociações entre o papado e a congregação ante esta vinda para o Brasil - e religiosas de Gyseghem. No vestibulo, no altar de Santana, recitaram a Salve Rainha. Visitaram o Bispo Dom Manuel dos Santos Pereira, que as recebeu fraternalmente, Madre Loyola e Madre Marie Alphonse. Almoçaram, servidos por negros, entornados por dois gatos, três papagaios, alguns periquitos e diversos passarinhos. Visitaram as Irmãs Doroteias e as Irmãs Mademoiselles do Coração Eucarístico. Também mantiveram contato com as Irmãs de São Vicente de Paulo.

No Nordeste do Brasil, acharam as crianças muito bem cuidadas, ao contrário do que se dizia na Bélgica. Penteadas, todas limpas e vestidas, como se fosse festa no colégio. Roupas lavadas e engomadas. Por fim, a bagagem foi liberada na alfândega pela intercessão do Governo do Estado, do cônsul belga e do abade beneditino. Iniciaram-se as reformas do convento franciscano, cheio de pormenores de arte

barroca setecentista. Construído em 1585, completamente destruído em 1631 pelos holandeses, reconstruído em 1715 e, por fim, concluída a reconstrução em 1755.

Neste período de arrumação do convento, antes que as aulas iniciassem, as freiras passearem pela história de Olinda, tal a construção da Sé, em 1540, pelo donatário Duarte Coelho. Aconteceram também episódios pitorescos, um deles, por exemplo, envolvendo Madre Loyola e outra mulher de aspectos simples. A superiora da congregação no Brasil foi vista, na recepção, tendo pequena cabra branca com manchas pretas, de olhos mansos e carinhosos, entre duas cadeiras, com a cabeça sobre suas pernas. Ela a acariciava. Tratava-se de presente que a senhora trazia às Damas, conquanto trabalho havia no novo colégio, precisavam de alimentação forte pela manhã. Trouxe o melhor animal da espécie, do sítio. Colocaram-lhe o nome de Bela e a Irmã Gabrielle ficou responsável por ela.

Depois chegou a primeira funcionária leiga e negra, Josefa, de 19 anos, indicada por Madre Thérèse de Gyseghem. Esta, pedia apenas trabalho em troca de alimentação, dormida e vestuário, sem salário. “Madre Loyola declarou: ‘ela viverá sempre conosco sob a proteção de São José.’”⁴ Foi a conhecida Zefinha, porteira do Colégio Damas da Instrução Cristã, isto quando a congregação mudou-se, definitivamente, para a Ponte d’Uchoa. Outra história pitoresca aconteceu com Madre Loyola, quando foi ao banco. O gerente perguntou: querem receber dinheiro miúdo? Não, senhor gerente! Então, disse ao caixa: Preferem dinheiro graúdo? Não, senhor gerente! Ela não entendeu o gingado brasileiro. Também aconteceu num café da manhã, quando Monsenhor Marcolino, Vigário Geral da Diocese, as visitou. Faltando manteiga, mandou-se buscar 300 gramas de madeira anotados num pedaço de papel, que o empregado Louis jogou sobre a mesa.

Doutra feita, chegou uma família querendo correr o colégio com Madre Loyola, que buscou, imediatamente, ajuda em Madre Marie Alphonse, ao que olharam rapidamente o dicionário e viram a tradução ao pé da letra. A resposta foi lacônica: não. Daí, um dos visitantes conteve o riso e explicou o que é correr a casa. Mas, se por um lado o Convento de São Francisco inspirou aspectos pitorescos, por outro, também causou temor, haja visto a quantidade de morcegos e de mato no interior da

⁴ MESQUITA, Madre Tarcísia Pitanga de. As Damas Cristãs no Brasil (1896-1996). Recife: Damas da Instrução Cristã, 1996.

construção. Outra coisa assustou Madre Loyola: a quantidade de janelas que viu pela primeira vez. À noite, percorreu a construção seis vezes antes de dormir; na segunda noite, horas de agonia.

“Quando tudo vai bem, não significa que tudo são flores.”⁵ Desta forma, embora já organizadas no convento dos frades franciscanos, 1898 tiveram que se mudar para o palácio do bispo, em Olinda. Neste período, Madre Loyola teve encontro com Dom Joaquim de Albuquerque Cavalcante Arcoverde, então arcebispo do Rio de Janeiro, que, em breve, se tornaria o primeiro cardeal da América do Sul, portanto, o homem mais importante da Igreja na América do Sul. O visitou com Madre Marie Alphonse. Presidiu, no então Colégio Sagrada Família a cerimônia da Primeira Eucaristia no dia 2 de outubro de 1898. Nos trópicos, a congregação prosperou. Desta forma, a primeira noviça brasileira a partir à Bélgica foi *mademoiselle* Maria Rosa. Seguiu para Dooresele. Neste período, Madre Ignace, na qualidade de superiora substituta, adquiriu, na Ponte d’Uchoa, em Recife, sítio de quatro hectares, completamente arborizado, no pomar: mangueiras, laranjeiras, abacateiros, jaqueiras, sapotizeiros, entre outros, onde instalaria o Colégio da Sagrada Família, que se tornaria o renomado Colégio das Damas da Instrução Cristã, hoje acrescido de faculdade do mesmo nome.

Referências bibliográficas

Lições de Vida. Caixa contendo fragmentos de pensamentos espirituais de Madre Agathe Verhelle.

A reverenda Madre Agathe Verhelle Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã – 1786.1838 (folheto).

CÂMARA, Irmã Alina Leal da. **Madre Loyola Steyaert – Missionária e Educadora**. Recife: Congregação das Damas da Instrução Cristã, 1996.

FREIRE, Padre Airton. **O Dois (Comentário do Artigo 2º das Constituições Provinciais)**. Recife: Bagaço, 1999.

_____ **Sacrifício e consagração**. Recife: Bagaço, 2003.

⁵ MESQUITA, Madre Tarcísia Pitanga de. *As Damas Cristãs no Brasil*. Recife: Damas da Instrução Cristã, 1996.

_____ **Uma face revelada**. Recife: Bagaço, 2001.

LANTSCHOOT, Madre Paula Van. Madre **Agathe Verhelle**. **Uma semente que germinou**. Fortaleza: Congregação das Damas da Instrução Cristã, s/d.

MESQUITA, Madre Tarcísia Pitanga. **As Damas Cristãs no Brasil (1896-1996)**. Recife: Congregação das Damas da Instrução Cristã, 1996.

VERHELLE, Madre Agathe. **Quem escuta a Palavra produz frutos**. Escritos espirituais de Madre Agathe Verhelle. Recife: Congregação das Damas da Instrução Cristã, s/d.

SIMENON, Cônego. **Congregação das Damas da Instrução Cristã. Resumo Histórico – 1927**. Recife: Bagaço, 2003.